

O tema originalmente proposto por Bolton foi relegado ao esquecimento ou simplesmente recebido com apatia, como nos aponta Hanke. O assunto quando estudado era colocado em termos totalmente diversos, procurando mostrar as diferenças existentes entre a América do Norte e os países hispano-americanos, quer no tocante à cultura, quer no que diz respeito à sociedade e mesmo à evolução histórica. Entretanto, paulatinamente, a tese de Bolton, ganhou novos adeptos e um número grande de estudiosos do problema procuram estabelecer um meio de intercomunicação entre os estudos norte-americanos e os da América do Sul. Volta-se ao que parece, nos diz Hanke, ao estudo das Américas como um conjunto e não como “uma soma de Histórias nacionais e locais”.

Hanke nos dá, em todo seu artigo, um número enorme de contribuições de historiadores e as diversas formulações do problema colocado.

Mostra-se, no entanto, um pouco cético quanto à possibilidade de vir a acontecer realmente uma mudança de atitude por parte dos norte-americanos, principalmente quando afirma, no final do seu artigo:

“No obstante, los historiadores son, en su mayoría, tardos para el cambio. Aunque algunas asociaciones nacionales de profesionales se reúnen en distintas partes del país, la Asociación Norte americana de Historia, en parte por la razón práctica de su magnitud, celebra su reunión anual, por lo común, en Chicago, Nueva York, o Washington D. C. Sin embargo, una sesión está programada en 1965, en San Francisco, satisfaciendo así un sueño de los miembros de la Costa Occidental, acariciado desde 1900. La Asociación se ha reunido en el extranjero solamente una vez — en Toronto — en 1932, cuando Bolton pronunciara su discurso presidencial — y otra sesión está planificada para Toronto, en 1967. Si la Asociación alguna vez se trasladara a Ciudad de México, podríamos estar seguros que las ideas expresadas en “La Epopeya de América la Grande”, han, al fin, comenzado a arraigarse entre los historiadores norte americanos”.

E' o artigo do professor Hanke um excelente tema para discussões e meditação. Traz ainda, a meu ver, uma enorme contribuição no tocante à indicação bibliográfica, presente em notas de rodapé.

OSÉ SEBASTIÃO WITTER

*

* *

LENGYEL (Cornel). — *Presidentes do Estados Unidos: retratos e perfis*. Belo Horizonte, Editôra Itatiaia, 1965. 216 págs.

Num país onde não houve transição entre o regime colonial e a forma republicana de governo, a figura do presidente desempenha um papel particularmente significativo. Nesta série de *retratos e perfis* preparada por Cornel Lengyel, podemos acompanhar a evolução da república norte-americana, a partir de seu primeiro presidente, para verificar que, embora não tenha mudado a forma de governo, embora a própria constituição não tenha sofrido alterações substanciais, a figura do presidente passou por uma série de modificações, a ponto de ter hoje em mãos mais poder do que qualquer outro chefe de estado, po-

dendo as suas palavras e os seus atos afetar a vida de quase todo o mundo. Declaradamente ou nas entrelinhas, não deixa o autor de mostrar as conseqüências que podem advir do mau uso desse poder imenso, assim como aponta os benefícios que, em termos da original filosofia política norte-americana, podem decorrer das boas medidas tomadas pelo presidente, cujas atribuições, muito mais do que em qualquer outra república, o obrigam a prestar contas diretas ao povo.

Prova do êxito dessas experiências, que já dura perto de dois séculos, é o fato de, até agora, não ter havido sequer um movimento que realmente pudesse pôr em perigo a estrutura republicana dos Estados Unidos. E' isso, entre outras coisas, que nos mostra Cornel Lengyel nesta série de curtas, porém substanciosas biografias, acompanhadas de valiosa documentação iconográfica, que tanto contribuem para aumentar a compreensão dessa figura singular que é o Presidente dos Estados Unidos.

O autor distribui os trinta e quatro presidentes que ocuparam a suprema curul, desde Washington até Kennedy, em quatro grandes grupos aos quais intitula significativamente: 1. — *Construtores da República* (de Washington a John Quincy Adams); 2. — *A democracia é julgada* (de Jackson a Buchanan); 3. — *Guerra civil e Reconstrução* (de Lincoln a McKinley) e 4. — *Líderes do século XX* (do primeiro Roosevelt a Kennedy).

Quais foram os homens que ocuparam a suprema magistratura e como se portaram como presidentes? O autor refere-se a curioso inquérito realizado em 1958 por Arthur M. Schlesinger, o qual pediu aos seus entrevistados que classificassem os presidentes. O levantamento não abrangeu Truman, que se encontrava no cargo, nem dois presidentes que faleceram após meses apenas de governo: William Harrison e Garfield. E este foi o resultado, pela ordem de preferência:

I. — *Grandes*: Lincoln, Washington, Franklin Roosevelt, Jefferson, Wilson e Jackson.

II. — *Quase grandes*: John Adams, Polk, Cleveland e Theodore Roosevelt.

III. — *Médios*: Madison, Monroe, John Quincy Adams, van Buren, Hayes, Andrew Johnson, Taft, McKinley, Benjamin Harrison e Herbert Hoover.

IV. — *Abaixo da média*: Tyler, Fillmore, Taylor, Buchanan, Pierce e Coolidge.

V. — *Fracassos*: Grant e Harding.

Dos 34 homens eleitos para presidência da República, 24 eram formados em escola superior, 20 haviam sido membros do Congresso, 13 haviam sido governadores de seus estados e 12 pertenciam ao exército. Além de advogados e generais, a relação inclui um inventor, um trabalhador de ferrovias, um alfaiate, um professor de humanidades, um fazendeiro, um jornalista, um negociante de artigos masculinos, um engenheiro, um multimilionário e um veterano da marinha. O mais velho foi eleito aos 68 anos; o mais novo, aos 43.

Reporta-se o Autor, em certo momento do prefácio, à visita de Tocqueville aos Estados Unidos, da qual resultou famoso livro publicado em 1835, reunindo as impressões de um europeu sobre a nova república norte-americana. Ainda hoje, mais de um século depois, o livro de Tocqueville desperta interesse entre os estudiosos das instituições. Com efeito, vale a pena ver como um europeu procurava compreender o sentido da vida americana, especialmente naquilo que para ele constituía uma experiência verdadeiramente inédita. Desde a visita de Toc-

queville — lembra o Autor — o processo democrático produziu e elevou ao poder homens como Lincoln, Wilson e Franklin Roosevelt. Num cargo que exige notáveis capacidades, menos de um têtço dos homens eleitos foi julgado inferior à média. Um têtço, aparentemente, mostrou grandeza ou quase grandeza. Nenhuma dinastia hereditária, conclui o autor, poderia aproximar-se de tais resultados...

A abundante documentação ilustrativa, já o lembramos, torna o livro atraente e especialmente valioso como documentário.

MARIA LÚCIA DE SOUZA RANGEL

*

* *

CARVALHO (Alfredo de). — *Biblioteca Exótico-brasileira*. Rio de Janeiro. Biblioteca Nacional. 1964.

Em 1929, a expensas do govêrno de Pernambuco, então presidido por Estácio Coimbra e sob os cuidados de Eduardo Tavares, publicou-se a *Biblioteca Exótico-brasileira* do historiador pernambucano Alfredo de Carvalho. Compreendia a obra três volumes, totalizando mais de mil páginas e abrangendo os autores estrangeiros que escreveram sôbre o Brasil, da letra A até a letra M, pela ordem alfabética dos sobrenomes. Não se tratava dum simples levantamento bibliográfico, pois para muitos e muitos títulos o autor escreveu apreciações críticas bem extensas e sempre extremamente judiciosas. Representava longo e paciente trabalho de pesquisa a que desde a mocidade se abalancara o escritor pernambucano, que não teve, porém, a dita de vê-lo publicado, pois falecera em 1916, deixando uma vasta obra composta na maior parte de artigos em jornais e revistas, reunidos posteriormente em livros, na qual revela exatidão, probidade e cuidadosa pesquisa no campo da erudição, mas sem constituir, todavia, “uma obra de conjunto, sistematicamente planejada, orgânicamente investigada e estruturalmente composta na sua textura”, segundo observa José Honório Rodrigues. Apenas alguns de seus trabalhos, como os estudos sôbre a imprensa periódica no Brasil, sôbre a pré-história sul-americana e sôbre o tupi na corografia pernambucana, revelam um sentido orgânico e uma preocupação maior de sistematização, o mesmo acontecendo também com a bibliografia estrangeira, objeto desta nota. O fato de ser versado em várias línguas, entre elas o alemão e o holandês, propiciou-lhe oportunidade de travar contacto com as fontes referentes ao período holandês em Pernambuco, traduzindo muita coisa, à qual acrescentava sempre notas e observações pessoais que valorizaram enormemente os textos traduzidos.

Convém assinalar que na época em que o trabalho de Alfredo de Carvalho veio a lume, era bem precário o nosso conhecimento acêrca da bibliografia estrangeira relativa ao Brasil, pois nenhum dos grandes autores do século XIX havia sido traduzido na íntegra. Nem Mawe, nem Saint-Hilaire, nem Martius, nem Eschwege, nem Gardner, nem Agassiz, nem Bates, nem Wallace, para citar apenas os mais conhecidos. Apenas de Martius, Pirajá da Silva publicara a parte referente à Bahia e de Saint-Hilaire havia sido publicado um modesto volume